

# O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO: QUANDO O HORROR EXPLODE<sup>i</sup>

Marco Aurélio Ignácio Gomes Júnior\*

Rosana Cristina Zanelatto Santos\*\*

*RESUMO: Este estudo versa sobre **O Último Voo do Flamingo**, de Mia Couto, que conta a passagem de Massimo Risi pela Vila de Tizangara em Moçambique, na África. A vila é governada por administradores corruptos, que lucram com a pobreza e a desgraça do seu povo, o povo africano. Risi é inspetor da missão de paz das Nações Unidas, que tem a tarefa de descobrir como e por que os seus companheiros de farda das mais diferentes nacionalidades estão explodindo e é acompanhado quase que o tempo todo pelo personagem Tradutor de Tizangara. O estranhamento por parte de Risi aumenta à medida que ele entra em contato com os moradores da vila que, a seu ver, são quase sobrenaturais, assim como os eventos que ali ocorrem. Foi elaborada uma hipótese para tentar explicar a origem das explosões dos soldados, das quais os únicos fragmentos remanescentes são o órgão sexual masculino, juntamente com o capacete azul celeste da ONU. Em seguida, o estudo trata de **Coração das Trevas**, fazendo uma comparação entre o personagem Marlow e Massimo Risi. Ambos estão na África, têm objetivos claros, porém díspares. O intuito principal deste estudo é analisar o horror do ponto de vista do homem branco europeu, levando em consideração a diferença cultural, social e econômica que separa o continente africano do europeu. Os percursos de dois personagens se assemelham muito, pois ambos experimentam um misto de loucura e horror, reagindo de forma ora neutra, ora perturbada ao vivido.*

*ABSTRACT: This study starts off with **O Último Voo do Flamingo**, of Mia Couto, which tells the line of Massimo Risi through Tizangara, a village in Mozambique, Africa. The village is run by crooked administrators, who make profit out of their own people's disgrace and poverty, nonetheless, the African people. Risi is an Italian soldier working for the Peace Corps of the United Nations. His duty is to find out how and why his uniform fellows of various nationalities are blowing up. Most of the time Risi is accompanied by a character called Tizangara Translator. The soldier's disturbance increases as he gets in contact with the inhabitants of the village. These people are, from the Italian's angle, supernatural, as well as the events which take place there. A hypothesis has been brought up in order to try to explain the source of the soldiers' explosions, from which remaining body part is the penis, along with the UN light blue helmet. Later on, the text deals the Joseph Conrad's **Heart of Darkness**, comparing the characters of Marlow and Massimo Risi. They are both in Africa and have clear however unlike objectives. The main purpose of this paper is to analyze the horror from a white European man point of view, taking in consideration the obvious cultural, social and economic gap which parts the African and the European continent. The path of the two characters in distinct pieces of work are very much alike, as both experience some mix of madness and horror, reacting differently, sometimes being fairly neutral and sometimes feeling utterly disturbed.*

*PALAVRAS-CHAVE: Horror; Estranhamento; Literatura de Língua Portuguesa.*

*KEYWORDS: Horror; Disturbance; Portuguese Language Literature.*

## I.O HORROR NOSSO DE CADA DIA

Depois de assistir ao filme **Apocalypse Now Redux** (2000), de Francis Ford Coppola, inúmeras vezes, me perguntei: por que o capitão Willard tinha que ir até o final? Por que ele quis presenciar aquele horror? Por que ele ficou tão fascinado pelo Coronel Kurtz? Afinal, Kurtz era tido como um louco, um assassino. Contudo, como o próprio Willard justifica, "*Charging someone with murder here is like giving speed tickets at Indy 500!*".<sup>ii</sup>

O capitão Willard está no Vietnã, em plena guerra motivada pela "ação democrática e anti-imperialista" dos Estados Unidos, e os seus comandados nem sabem o porquê daquilo. Tudo o que Willard desejava era uma missão, um significado para aquela guerra, e ele conseguiu. Mas por que ele queria uma missão dentro daquele cenário horrorífico, já que a sua empreitada na busca de um sentido para aquilo que estava acontecendo ao seu redor lhe traria ainda mais horror? O mesmo questionamento me ocorreu ao ler **Coração das Trevas**, de Joseph Conrad (livro que serviu de base para a realização da longa-metragem de Coppola em 1979). Por que Marlow queria embrenhar-se em uma floresta, em um barco a vapor, sabendo que poderia morrer ali?

Mais adiante discorrerei sobre o percurso de Marlow dentro de uma perspectiva literária comparativa. No entanto, primeiro tentarei constituir um cenário que é relativamente comum nos dias de hoje no Brasil (e no mundo), com o intuito de estabelecer uma hipótese acerca do que Willard e Marlow estavam atrás.

Um motociclista passeia pelas ruas congestionadas de uma cidade grande qualquer. Ele ultrapassa os carros, os caminhões e ônibus com facilidade, pelo meio deles, pelo lado direito e, às vezes, até pelo lado esquerdo. O motociclista atravessa um cruzamento depois de o sinal ficar vermelho, ou avança antes de o sinal ficar verde. Ele transgride, ele infringe as leis, o código. Mas pilotar uma motocicleta é uma experiência muito mais emocionante (mesmo sem desobedecer ao regulamento) do que dirigir um carro.

O motociclista está sempre muito atento, sempre procurando antever as manobras dos motoristas e dos outros motociclistas também, pois ele não quer encontrar outro louco como ele, um inadvertido que avance o sinal em um mesmo cruzamento que ele está "furando". Mas todos nós sabemos que isso acontece. E com bastante frequência.

Os condutores em geral sabem do perigo real que pilotar uma moto implica, e os próprios motociclistas sabem muito bem disso e assumem os riscos. Quando há um acidente e vemos uma moto caída na rua, logo nos aproximamos e, se estamos dirigindo, diminuimos a velocidade a ponto de poder ver pelo menos “um ossinho” quebrado.

Agora que temos esse cenário e já puxamos pela memória algumas imagens não muito agradáveis e se, por acaso, você já teve o (des) prazer de presenciar uma situação dessas, eu lhe pergunto: você sentiu seu estômago embrulhado? Teve náuseas, tontura, arrepios, paralisia, encolhimentos, repugnância? Sentiu seu sangue pulsando por suas veias mais rapidamente? Teve medo?

Pois é, o fato é que nós precisamos de horror em nossas vidas. Nós gostamos do horror, embora não saibamos muito bem disso e muito menos assumamos esse risco, com um óbvio receio de sermos taxados como *freaks*, mórbidos, doentes ou até como sujeitos de índole um pouco – ou bem – duvidosa. Seja o horror natural (entendamos como natural a emoção que sentimos com relação aos fatos da nossa vida real, acidentes, catástrofes naturais, etc.), seja o horror artístico (a emoção que surge da literatura, cinema, teatro, o horror que não é natural, porém, real e verdadeiro), ele nos atrai.

Um exemplo da nossa sede pelo horror foi a cobertura jornalística sobre o acidente do voo JJ3054 da companhia aérea TAM, no dia 17 de julho de 2007. Só para reavivar a memória, era uma terça-feira, o quinto dia dos Jogos Pan-Americanos – Rio 2007, um evento esportivo que tenta trazer um pouco de alegria e de diversão para os povos das Américas; são alguns poucos dias que nos distraem e que nos fazem esquecer toda e qualquer desgraça (*panis et circenses* aparentemente têm funcionado muito bem nos últimos dois mil anos).

E justamente no dia em que a equipe brasileira de Ginástica Desportiva quebrava o recorde de medalhas de ouro em uma única edição dos jogos (um dia feliz para os brasileiros), o acidente acontece. Um *Air Bus A320* com 186 passageiros aparentemente derrapou na pista ao pousar e acabou colidindo com um prédio de quatro andares da mesma companhia aérea, localizado na Rua Washington Luis, adjacente ao aeroporto de Congonhas, na cidade de São Paulo, Brasil.

Acabou o pão e desmontaram o circo! A partir de agora nosso alimento será o horror – entenda-se aqui a exploração do horror – e nossa diversão será a contagem de corpos. As inserções na grade de programação de vários canais de TV aberta eram freqüentes, somente para informar que haviam achado mais um corpo ou mais uma vítima que não contava nas estimativas anteriores, criando um cenário ainda mais caótico.

Então, no dia seguinte ao acidente, 18 de julho de 2007, a Edição Especial do Jornal Nacional, da Rede Globo, informou que "178 corpos haviam sido retirados dos escombros, entre eles um bebê..."; os bombeiros retiraram "o primeiro corpo (pausa curta), o segundo (pausa longa) e o terceiro corpo teve que ser coberto com um pano" (*close up* no corpo carbonizado); "as motos e os carros passaram lentamente" pela rua em frente ao local do acidente.<sup>iii</sup>

Outros dois casos que coloriram nossa compulsiva sede pelo horror – que no mais das vezes é alheia às nossas vontades racionalmente controladas – foram o singular "atentado terrorista" ao *World Trade Center* e a morte de Sadam Hussein. Quanto ao incidente em Nova York, creio que seja desnecessário tecer qualquer comentário, visto que – não satisfeitos com a cobertura incessante sobre o desastre – Hollywood ainda chegou a produzir um grande número de filmes com pessoas pulando do octogésimo-sétimo andar da torre sul em pânico; há, ainda, um longa-metragem mostrando como os passageiros de um dos aviões usado pelos "terroristas" comportaram-se ao tomar conhecimento de que sua aeronave seria usada num ataque kamikaze à Casa Branca. Esses títulos estão disponíveis em qualquer locadora, para que possamos matar nossa saudade daquelas imagens exclusivas. E se ainda não estamos convencidos da idéia de nossa sede de horror, que se acesse o sítio [www.youtube.com](http://www.youtube.com) e é possível ver o número de acessos aos vídeos que mostram o momento exato em que Sadam está agonizando, gritando e debatendo-se na forca.

Do mesmo modo que Willard e Marlow queriam sentir a adrenalina de estar em perigo, sentir a ameaça de Kurtz bem de perto, nós, seres deste mundo, queremos ver o motoqueiro esticado no chão, gritando de dor, sangrando, à beira da morte; queremos que a televisão mostre as famílias das vítimas chorando; e, infelizmente, constatamos que os algozes encobriram o rosto do ex-presidente do Iraque com um capuz...

E continuo perguntando: por que estamos atrás dessa sensação?

Uma suposição é que estamos atrás dessa sensação pelo mesmo motivo que vamos ao cinema assistir a filmes como *Drácula* ou *O Exorcista*, só que não nos sentimos culpados por gostarmos desse gênero cinematográfico, afinal, é “tudo mentira”; e cinema é arte, e arte é “bom”. Dentro daquela sala de projeção escura, podemos saborear nossos sentimentos mais ocultos, sem correr o risco de recriminação por parte dos outros, afinal, não estamos sozinhos. Há mais pessoas ao nosso redor que se sentem do mesmo modo e isso é reconfortante. Noël Carroll<sup>iv</sup> disse:

Estou também pressupondo que o horror seja um estado emocional ocorrente, como um lampejo de raiva [...]. Um estado emocional ocorrente tem dimensões tanto físicas quanto cognitivas. De modo geral, a dimensão física de uma emoção é uma agitação sentida. Especificamente, a dimensão física é uma sensação ou um sentimento [...]. Quero afirmar que ser uma emoção ocorrente envolve um estado físico – uma sensação de mudança fisiológica de algum tipo – uma agitação sentida ou uma sensação de comoção. A palavra ‘horror’ deriva do latim ‘horrere’ – ficar em pé (de cabelo em pé) ou eriçar. [...] é importante ressaltar que a concepção original da palavra a ligava a um estado fisiológico anormal [...] (1999, p. 41).

Então é possível que nós – juntamente com Marlow e o capitão Willard – estejamos querendo sentir sensações ocorrentes pouco freqüentes. Seria algo aproximado da sensação que uma pessoa qualquer busca ao pagar certa quantia para pular de uma pequena gaiola suspensa a mais de quarenta metros do solo, com apenas uma cordinha presa aos pés. Mas *bungee jumping* é legal, é bom. Isso é certo, e arriscado também. O perigo de morte é evidente; mesmo assim, as pessoas pulam, até eu já pulei. A sensação é inédita e levamos um tempo para assimilar o que acaba de acontecer. Mas há uma explicação bastante aceitável para acharmos isso legal: o medo.

O horror está intimamente ligado ao medo, que também é uma sensação ocorrente (em um indivíduo em condições mentais estáveis, excluindo casos de psicoses e outras neuroses mais inconstantes) extremamente necessária para nossa sobrevivência. O medo pode ser dividido de acordo com o contato do organismo com os sinais de perigo: inatos e aprendidos.

Por exemplo, há o medo inato que o rato sente ao sentir o cheiro de um gato, mesmo sem nunca ter visto tal felino em sua frente. Muitos animais não encaram uma presa com uma massa corporal muito superior, diferentemente dos humanos. Um homem pode querer entrar em uma briga com um sujeito dez vezes mais forte que ele e, depois de levar uma sova, pode ser que ele desenvolva um novo tipo de medo. Aí temos uma situação em que o medo foi aprendido, do mesmo modo que quando somos crianças não temos a mínima noção de que o resultado de colocar um garfo na tomada pode não causar um efeito muito agradável. Dificilmente veremos um adulto brincando com um fio desencapado ligado na corrente.

Constantemente aprendemos novos medos e a qualquer sinal de perigo uma série de reações químicas e físicas explodem por nosso corpo, para que estejamos preparados para eventuais ameaças. Paradoxalmente, quanto mais perto do perigo – da morte – mais medo sentimos do mundo e, inevitavelmente, mais vivos estamos e queremos estar. Isso de um ponto de vista biológico e psicológico.

Essas substâncias químicas [o hormônio adrenocorticotrófico ou ACTH, glicocorticóides e outros hormônios esteróides] mobilizam várias reações fisiológicas que incluem desde o aumento dos níveis de glicose no sangue, fornecendo fontes adicionais de energia para uma eventual resposta de luta ou fuga, até efeitos sobre os sistemas imunológico e cicatricial, a fim de restaurar eventuais danos físicos do organismo. Na verdade, essas respostas de defesa parecem preparar o organismo sempre para o pior: ser atingido por estímulos nocivos e sofrer algum dano físico [...] Outro efeito menos aparente é a capacidade do medo suprimir momentaneamente a reação a estímulos nociceptivos [estímulos que deflagram dor] (LANDEIRA-FERNANDEZ<sup>v</sup>; MELLO CRUZ<sup>vi</sup>, s/d).

Agora temos horror, medo e dor. Mas antes de entendermos como a dor fecha essa trindade essencial à nossa existência, olhemos esta fusão de sensações de um ponto de vista filosófico.

Durante nossa existência, estivemos e ainda estamos em constante busca por um significado para a vida. Para Charles Darwin, precisamos de um significado para sobreviver e para o significado ter sentido é preciso acreditar que ele não vem de nós mesmos. Nietzsche afirmou que buscamos um significado para nos esquecermos do fracasso da nossa existência como seres humanos. Freud atribui ao significado uma tentativa de superar um trauma.

Tomemos como exemplo uma pessoa que faz jejum para entendermos melhor a busca pelo significado da vida. Um indivíduo qualquer pode querer buscar significado na religião (aqui não se trata de uma doutrina específica, portanto chamarei esse indivíduo simplesmente de fiel). Se a prática do jejum absoluto durante um determinado período de tempo tem sentido para o fiel, ele o fará. E o jejum, fatalmente, alterará o metabolismo do nosso fiel, com disfunções hormonais, perda de vitaminas, proteínas e também massa corpórea, transformando-o física e fisiologicamente.

Dor, medo e horror estão fisiológica e psicologicamente ligados; o horror expõe-nos o (e ao) mundo, para termos uma nova percepção por meio da dor, ao passo que o medo invariavelmente nos mantém vivos. Isso nos põe em uma constante busca de sentido, ou em um "aprendizado pelo medo", mesmo que o significado que eu, nós, Marlow e Willard procuramos venha por meio de experiências perturbadoras e extremamente desagradáveis, no entanto, fundamentais para a afirmação como sujeito dentro de um espaço físico comum. Parodiando uma famosa sexóloga e ex-prefeita: "Se você já está no inferno, abraça o capeta, relaxa e goza", ou seja, enfrente o horror e viva!

Agora já sabemos como se (con) vive com o horror. A seguir, veremos como o Tradutor de Tizangara e Massimo Risi, de **O Último Voo do flamingo**, do moçambicano Mia Couto, e o narrador de **Coração das Trevas**, de Joseph Conrad, Marlow, respectivamente, encararam e testemunharam seus horrores. É interessante observar que um deles não tem objetivo nenhum, ou seja, não está buscando significado e mesmo assim não consegue escapar do medo e da dor, o que reforça a idéia de que estamos alheios ao horror a nossa volta, não buscamos exatamente o horror, mas sim algo para provocar essa sensação resultante em medo e dor.

## II. EXPLOSÕES EM MOÇAMBIQUE

**O Último Voo do Flamingo** (2005), de Mia Couto, relata a passagem de um inspetor das Nações Unidas, de origem italiana, pela vila de Tizangara, em Moçambique.

A história é contada de acordo com os relatos, depoimentos e confissões presenciadas pelo Tradutor de Tizangara, que não tem nome próprio e é o narrador da história.

No prefácio, o narrador logo nos conta que, certo tempo depois de “findada” a guerra em seu país, alguns soldados da ONU explodiram. “Simplesmente, começaram a explodir. Hoje, um. Amanhã, mais outro. Até somarem, todos descontados, a quantia de cinco falecidos” (COUTO, 2005, p. 10). Depois já nos instala a dúvida: “explodiram na inteira realidade?” (COUTO, 2005, p. 10). Eu poderia, sim, responder de imediato. E poderia concluir que num país africano – expurgado, violentado, massacrado –, ex-colônia de Portugal, por quaisquer que fossem os motivos, sejam eles econômicos, sociais, culturais ou religiosos, o senso comum me alertaria para o fato de que algum artefato cravado um pouco abaixo do solo poderia causar uma rebentação fatal.

A história se inicia com o grande acontecimento da vila: um avultado e avulso membro, o sexo masculino, o pênis que está no meio de uma estrada da vila de Tizangara. É o caso número seis dos explodidos. E é nessa ocasião que o narrador é convocado, ou melhor, compelido a se apresentar perante o administrador local, Estevão Jonas, para ser imediatamente empossado no cargo de tradutor-dedo-duro oficial para o italiano Massimo Risi, o inspetor da ONU. Na verdade, ele deveria ser tradutor *do* inspetor *para* o administrador.

- Pois você [o narrador] fica, de imediato, nomeado tradutor oficial.
- Tradutor? Mas para que língua?
- Isso não interessa nada. [...] você é o meu tradutor particular (COUTO, 2005, p. 18).

Massimo Risi estava na vila para investigar o caso dos pênis que sobravam dos corpos. Só isso. Disso dependia sua tão sonhada promoção dentro das Nações Unidas. Acompanhado do narrador – que na maior parte do tempo ele, Massimo, estava acompanhando –, o italiano conhece alguns tipos da vila que acabam por transformar suas expectativas em expectativa nenhuma. Primeiro conheceu Anadeusqueira, a puta, e o administrador, Estevão Jonas, logo na estrada, no acontecido do sexo decepado; depois Chupanga, o puxa-saco do administrador; o hospedeiro da pousada onde ficou instalado; e, mais intensamente, conheceu Temporina, uma moça formosa com rosto de velha.

De repente, o italiano tropeçou num vulto. Era uma velha, talvez a mais idosa pessoa que ele jamais vira. [...] O italiano esfregou os olhos como se buscasse acertar a visão. É que o pano deixava entrever um corpo surpreendentemente liso, de moça polpuda e convidativa (COUTO, 2005, p.39).



Mais à frente, outros personagens são apresentados, como o Padre Muhando, que tem uma relação muito particular e íntima com Deus; o pai do narrador, Sulplício; Zeca Andorinho, o feiticeiro; Hortência, tia de Temporina e que está morta.

Aqui já fica uma observação: em um lugar onde o povo é sabidamente tão sofrido, um europeu teve o trabalho de se deslocar milhares de quilômetros, fazer uma viagem certamente desconfortável para desembarcar nas entranhas de Moçambique. Para quê? Para analisar o caos, o horror da situação com um sentimento mesquinho, com um comportamento egoísta ascensão? Como se não fosse importante saber como o povo da vila se sente em relação às explosões, aparentemente, inexplicáveis. Isso demonstra como se deve lidar com esse tipo de problema nesse tipo de lugar com esse tipo de gente, uma amostra da falta de comprometimento e de compaixão, de desinteresse pelo outro. Especialmente quando o outro é africano, é "selvagem" e carrega na pele outras implicações e complicações que creio desnecessárias serem expressas.

Obviamente, há um estranhamento por parte do europeu; algumas coisas não parecem estar na ordem direita e natural das coisas. Em certo momento, o narrador conta a Risi um pouco da sua vida, de sua mãe que morrera em seus braços e sobre seu pai, que a abandonara depois de saber que o ventre da sua senhora se fechara. "Esta tua estória... tudo isso é verdadeiro?" (COUTO, 2005, p.57), Massimo perguntou. E como não era de se esperar, nada se responde ou se resolve.

Agora, voltando à pergunta do começo deste texto: os soldados explodiram na inteira realidade? Pensamos que sabemos o que sobrou deles. Mas o que realmente sobrou deles? Abaixo, estabeleço uma hipótese, mostro uma linha de raciocínio, uma seqüência que sugere uma consequência:

*PÊNIS > REPRODUÇÃO > SEMENTE > FECUNDIDADE > TERRA >  
FRUTOS*

Em **O Último Voo do Flamingo**, no início, um pênis é encontrado no chão da estrada. É tudo o que sobrou do soldado que explodiu, exceto pelo capacete azul celeste, símbolo das forças de paz da ONU. Pois então, a partir dessas evidências, é possível inferir que a presença de um corpo militar internacional não será curta no espaço de tempo. Ao contrário, será uma presença clara, sem pudor, que

pode ser representada pelo capacete de cada soldado e pelo pênis, a "semente" junto ao solo. Isso é apenas uma hipótese (verdadeira) se tomarmos o pênis como símbolo fálico de "fertilidade masculina" (HERDER LEXIKON, 1990, p.93). Outra hipótese – sobre a qual não me estenderei – é tomarmos o pênis como símbolo de ruptura, de desvirginamento; assim, o símbolo nos dá uma idéia de invasão do estrangeiro no Estado moçambicano, um estrangeiro que realmente não faz idéia do que se passa e tampouco procura entender o que se passa.

Já tinham chegado os soldados das Nações Unidas, chegaram com a indolência de qualquer militar; acreditavam ser donos de fronteiras, capazes de fabricar concórdias (COUTO, 2005, p.9-10).

Não importava o que os soldados fizessem. Importava, sim, o que o lugar ia fazer com os inautorizados visitantes (COUTO, 2005, p.63).

Por ruptura podemos, ainda, acreditar que é a própria ruptura do corpo físico dos soldados, uma ruptura com esse mundo, um arrombamento, uma explosão. Ou, simplesmente, a humilhação da recém-desmaculada terra africana, ex-colônia portuguesa, uma invasão, um estupro. E os culpados por esse estupro (o mais recente) da mãe África são punidos com a morte, com a explosão de seus corpos.

Voltemos à história de Risi. Depois de ouvir depoimentos gravados, ler relatórios e conversar, ou pelo menos escutar os habitantes de Tizangara, Massimo Risi não chega à conclusão nenhuma. Nem o leitor. No entanto, há uma passagem do livro em que Estevão Jonas escreve ao Ministro Central: "Era preciso mostrar a população com a sua fome, com suas doenças contaminosas. [...] a nossa miséria está a render bem... é preciso arregaçar a feridas, colocar à mostra os ossos salientes dos meninos" (COUTO, 2005, p. 75).

É nisso que reside o mistério das explosões. Sem desgraça, não há ajuda internacional. Se a guerra acabou, que fabriquemos mortos e doenças; criemos pobreza e fome; criemos o horror para o mundo todo ter com o que ou com quem ser solidário e piedoso.

Os dois últimos soldados que explodiram eram um zambiano e outro paquistanês, não respectivamente. O momento em que o paquistanês morre é justamente o momento em que Estevão Jonas está "amaciando as carnes" de uma puta, uma anônima. Ora, se o narrador nos conta logo no segundo capítulo que só há uma puta na vila, por que fazer segredo? Todos sabem quem é a dita.

Pois, no momento em que há a explosão, o pênis voa janela adentro da sala de Estevão e fica grudado em uma das pás do ventilador de teto. E não desgruda. É como se ele não quisesse ser expulso. É um argumento que dá uma pequena sustentação à primeira hipótese, a da incursão permanente dos militares da paz.

Então, temos três frentes de combate, quase como gangues. Tizangara-Céu: os invasores, os capacetes azuis celeste; Tizangara-Água: os tizangarenses oprimidos, que não têm poder – institucionalmente, não –, sua única riqueza é a cor negra, e o bem mais precioso é a água. E, finalmente, Tizangara-Terra: os próprios tizangarenses que espoliam seus compatriotas, seus vizinhos, seus irmãos de terra, e afirmam que eles são responsáveis pela liberdade do país. “Não esqueça, nunca: fui eu que libertei a pátria! Fui eu que libertei a si meu jovem” (COUTO, 2005, p.121), disse Estevão Jonas para o narrador. “Mas na minha vila, agora havia tanta injustiça quanto no tempo colonial... Parecia de outro modo que esse tempo (o de colônia portuguesa) não terminara” (COUTO, 2005, p.110) relata o narrador.

Mesmo com as explosões de soldados, a presença estrangeira não se vai, ao contrário, fica presa nos lugares mais absurdos, em todos os cantos, em cima das árvores, pendurada nos galhos. A explosão só vem espalhar ainda mais o horror entre um povo que já está acostumado à violência. Torna-se impossível que o italiano possa compreender o que se passa na cabeça dos moçambicanos de Tizangara. O branco não pode compreender. O branco europeu, que usurpa, mata sem piedade e vem em nome de sua própria ascensão.

O africano não quer a ajuda do branco. Como disse a puta: “Morreram milhares de moçambicanos, nunca vos vimos cá. Agora, morrem cinco estrangeiros e já é o fim do mundo” (COUTO, 2005, p.32). Ou: “Os europeus (...) pisam o chão com delicadeza mas, estranhamente, produzem muito barulho”(COUTO, 2005, p.35), segundo o narrador de Tizangara.

### III.MARLOW E MASSIMO RISI SE (DES) ENCONTRAM NA ÁFRICA

Duas épocas distintas, duas culturas diferentes, dois homens europeus com objetivos (não perfeitamente nítidos) diversos no mesmo lugar. São dois brancos na África; com visões e percepções diferentes acerca do habitante nativo do continente, embora nenhuma dessas percepções seja exatamente positiva.

Eu poderia começar estabelecendo um paralelo cronológico entre o capitão Marlow, cuja história se passa perto da virada do século XIX e depois discorrer sobre a estada do inspetor italiano Massimo Risi a serviço das Nações Unidas em Moçambique, já no século XX. Contudo, depois de ter lido **O Último Voo do Flamingo** (Massimo) e posteriormente **Coração das Trevas** (Marlow), sinto-me forçado, ou melhor, tentado a estabelecer um certo ritmo narrativo, um tom adequado para este texto. Justificando a minha escolha sobre a ordem em que as duas personagens serão expostas no texto, digo que o farei assim não por empatia por um ou outro personagem (muito menos por julgá-los mais ou menos importantes), mas sim para que o leitor possa sentir uma progressão nos diferentes níveis de sentimento tanto do representante italiano da ONU quanto do marinheiro inglês de Conrad.

Então, comecemos com o italiano. Massimo Risi é uma figura bastante interessante, que deve ser levado muito a sério. Mesmo dentro da loucura que se instaurara em Tizangara, Risi continua apático, querendo se livrar dos problemas o quanto antes – e se afundando até o pescoço neles – e retornar para a sua vida “normal” na Itália, deixando tudo para trás, sem apegos. O próprio nome do personagem já é um tanto parodístico, Massimo Risi, uma grande gargalhada.

Assim que chega à vila de Tizangara, em Moçambique, Risi sente que não está num lugar comum, ficando confuso com todos os acontecimentos. “Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que não entendo é esse mundo aqui” (COUTO, 2005, p.40).

O italiano entra na história porque é o seu trabalho; sua função é descobrir como e por que soldados da ONU estão explodindo e por que sobram somente o pênis e o capacete azul celeste. “Tenho que cumprir esta missão. Eu só queria receber a promoção que há tanto espero” (COUTO, 2005, p.40). Há até um envolvimento amoroso entre Massimo e a moça-velha, Temporina. Como a narrativa é suave e bem-humorada, temos a impressão de que Risi não chega a ser odiado, nem temido por nenhum dos moçambicanos; a hostilidade não vem por parte das pessoas, vem da terra, do chão, do solo africano. A África não está contente com a presença de mais brancos em seu território, uma terra que já foi tão massacrada pelos brancos, tão humilhada, retalhada. E é por isso que os soldados estrangeiros da missão de paz das Nações Unidas estão explodindo, um a um. E Massimo pode ser o próximo.

Não entrarei em muitos detalhes sobre a história d'**O Último Voo do Flamingo**. Neste momento, meu foco é tão-somente no personagem europeu na África. Um personagem que tem uma missão e que dificilmente conseguirá cumpri-la, diferentemente do capitão Marlow, do livro de Conrad, que não tem uma missão, mas consegue cumpri-la. Como o narrador de **Coração das Trevas**<sup>vii</sup> nos conta, Marlow quer "escolher seus próprios pesadelos".

Antes de adentrar no universo do marinheiro, quero atentar para o título do livro, **Coração das Trevas**, tradução literal do original em inglês **Heart of Darkness**, que conseguiu manter o peso do título e também a dualidade que ele implica. Pois coração pode ser compreendido como o centro, o órgão pulsante que dá vida e força a um corpo ou a um país, a um continente. Então, a história se passa totalmente na escuridão, na sombra do mundo localizado no continente africano; a África é o próprio inferno na Terra e, no coração da África, os maiores horrores imagináveis se concentram. Ou se tomarmos trevas com uma conotação mais religiosa, portanto, o contrário de bom, de luminoso, temos então um coração, uma vida ligada ao mal, o mal diabólico: um coração malévolos.

Esse não é o personagem Marlow. Esse ser demoníaco é quem Marlow procura: o Sr. Kurtz. E o marinheiro literalmente atravessa um inferno para encontrar Kurtz. A bordo do seu barco a vapor e acompanhado de cerca de trinta homens prestes a explodir (ao contrário dos soldados de Tizangara, os tripulantes enlouqueceriam – ou enlouqueceram – e então seria uma explosão de dentro para fora e não de fora para dentro como aconteceu com os estrangeiros em Moçambique. De qualquer forma, não sobra muito de nenhum deles para a posteridade), entre eles brancos brancos e pretos selvagens, Marlow segue o caminho de rio que o levaria ao coração das trevas. "No momento, esse era o pensamento que me dominava. Havia em mim uma decepção extrema, como se descobrisse repentinamente que andara lutando por alguma coisa totalmente desprovida de substância" (CONRAD, 2001, p. 85).

Esse percurso perigoso, medonho e desconhecido acaba transformando Marlow, que claramente não tem nenhuma simpatia pelos africanos, por sua cultura, sua língua, seus costumes e freqüentemente se refere aos homens negros como vultos, sombras, fantasmas e espíritos. Em nenhum momento, mesmo passando pelos mais terríveis horrores que seus olhos possam testemunhar, Marlow curva-se perante os africanos. Eles sempre serão inferiores em sua visão, contrastando com Risi, que até simpatiza com por alguns dos habitantes de Tizangara.

A conquista da terra (que freqüentemente significa roubá-la dos que têm cor diferente da nossa ou nariz um pouco mais achatado) não é coisa bonita quando olhada de muito perto. O que a redime é a idéia (CONRAD, 2001, p.17).

O italiano, cansado, nem se sentiu adormecer. Nessa noite, um estranho sonho tomou conta dele: a velha do corredor entrava no quarto, se despia revelando as mais apetitosas carnes que ele jamais presenciara. No sonho, o italiano fez amor com ela. (COUTO, 2005, p.57)

É o princípio: "estamos roubando selvagens, o que há de errado nisso?". No caminho, Marlow encontra um negro segurando um fuzil que ele acredita ser um "domesticado", pois está vestido e recebe e obedece a ordens. E não pára: o personagem continua a demonstrar um profundo desprezo pelos negros que encontra no caminho. Ao descobrir que a Expedição Eldorado sumira na mata fechada, com homens brancos e negros e animais de carga, eis seu comentário, sobre o acontecido: "(...) soubemos que os burros tinham morrido. Ignoro o destino dos animais menos valiosos" (CONRAD, 2001, p. 63).

Temos então Massimo Risi, que não se importa com os tizangarenses, o que não se dá de modo consciente. Arrisco afirmar que ele não importa com eles porque não tem problema com a etnia africana. Ele se incomoda, sim, por estar ali para resolver uma situação caótica sem solução aparente, por não entender o que lhe é dito e por perceber que não vai conseguir a promoção que tanto deseja. Já Marlow tem uma verdadeira aversão aos negros africanos. Então o que ele faz no meio do inferno? "A fascinação pelo abominável" é o seu impulso para continuar. Quer saber até onde vai a selvageria humana, porque, naquele lugar, ninguém era mais civilizado que o outro. Quem sabe o único que se salva é o sr. Kurtz, já que ele é o monstro da história e vive entre os selvagens em "harmonia", portanto, como iguais.

Eu lutei contra a morte. E essa é a menos excitante batalha que se pode imaginar. É realizada em meio a um cinza impalpável, sem lugar para firmarmos os pés, nada em volta, sem espectadores, sem clamor, sem glória, sem o grande desejo da vitória, sem o grande medo da derrota, numa atmosfera doentia de tépido ceticismo, sem fé suficiente no nosso direito e ainda menos no direito do adversário. Se isso é uma forma de sabedoria ulterior, a vida ainda é um enigma maior do que alguns pensam (CONRAD, 2001, p. 124).

\* UFMS – *Campus* de Campo Grande. Acadêmico do Curso de Graduação em Letras do Depto. de Letras. Pesquisador-acadêmico do Programa de Iniciação Científica da UFMS – 2006-2007. Bolsista do CNPq.

\*\* UFMS – *Campus* de Campo Grande. Docente do Curso de Graduação em Letras do Depto. de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado) do CPTL/UFMS e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CCHS/UFMS. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – nível 2.

## REFERÊNCIAS

- BOCARDI, Rodrigo. **Jornal Nacional**. Rede Globo, 18 jun. 2007.
- CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1999.
- CONRAD, Joseph. **Coração das Trevas**. Tradução Juliana L. Freitas. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- COPPOLA, Francis Ford. **Apocalypse Now Redux**. Miramax/Buena Vista Home Entertainment, 2001.
- COUTO, Mia. **O Último Voo do Flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HERDER LEXICON. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- LANDEIRA-FERNANDEZ, Jesus; CRUZ, Antonio Pedro de Mello. **A Psicologia do Medo e da Dor**. Disponível em: < [http://br.geocities.com/materia\\_pensante/psi\\_medo2\\_landeira.html](http://br.geocities.com/materia_pensante/psi_medo2_landeira.html)> Acesso em: 09 ago. 2007, às 14h35min.

---

<sup>i</sup> Este ensaio apresenta os resultados parciais da pesquisa **O Último Voo do Flamingo: quando o horror explode**, um subprojeto da pesquisa **Os testemunhos de um horror desgraçadamente humano: um estudo das obras de Joseph Conrad, António Lobo Antunes, Mia Couto e Bernardo Carvalho**, desenvolvida com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq pela Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos.

<sup>ii</sup> "Acusar alguém de assassinato aqui [no Vietnam] seria como dar multas por excesso de velocidade nas 500 Milhas de Indianápolis" (Tradução nossa).

<sup>iii</sup> Todas as informações foram obtidas no momento da exibição da reportagem do *Jornal Nacional* do dia 18 de julho de 2007, feita pelo jornalista Rodrigo Bocardi.

<sup>iv</sup> Noël Carroll é Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Wisconsin, autor de vários artigos em teoria do cinema.

<sup>v</sup> Jesus Landeira Fernandez é Professor Assistente-Doutor do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Diretor dos Cursos de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.

<sup>vi</sup> Antonio Pedro de Mello Cruz é Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

<sup>vii</sup> Todas as referências à obra de Joseph Conrad ora analisada foram extraídas da edição do ano de 2001.